



em parte virtuais, coladas num céu sem distâncias, a encher-se de casas geminadas, cidades fantasma, astros, restos do fazer e do ser, rendas de florestas longínquas, raízes em rede, a mão humana afagando aquecidamente uma cúpula (ou uma taça) indecifrável. No intervalo das anatomias antropomórficas ainda se descortinam, ortogonalmente, panos ou panos de paredes, balaustradas, texturas intocáveis, restos de várias idades sobre as quais arquiteturas impressionantes mas toscas formaram bairros em ascensão. De resto, não longe do que se vê, proas de barcos artesanais parecem ancoradas de lado e de frente, em baixo recortes de jornais já sem legibilidade.

A guerra anunciada, a multidão acumulada como nas grandes manifestações, no canto direito inferior do campo, lírica e desassossegado dos sonhos contemporâneos que contaminaram terras e céus, trabalhos e populações.

Esta mesma deriva pode fazer-se sobre outra peça idêntica, orlada em cima por um céu rosa, mostrando uma árvore central, metafórica, de ramos e arames finos, e em redor dela uma urbanização dispersa e circense, aqui e além edificações modulares e frágeis como um habitat de gente amiga e alienígena.

ESCRITAS

Ana Maria diz que a sua pintura “está no corpo que recebe a luz e o brilho que vem do oriente, mas é a sombra que revela e atua enquanto a cotovia descansa. É a sombra que mantém a pintura suspensa entre a natureza celeste e a natureza terrena”.

Para Bachelard a cotovia é uma imagem literária pura, o seu voo muito elevado, o seu pequeno tamanho e a sua rapidez impedem-na de ser vista e se tornar, portanto, em símbolo “de transparência de dura matéria, de grito”.

Aqui está como os artistas costumam entretanto justificar-se, pensar-se, falando de uma verdade que tende a aparecer na obra apenas como mentira inspiradora.

A Bachelard segue-se Adolpho Rossé: “... não é a cotovia que canta, é o pássaro cor de infinito”.

A encenação do imaginário tem destas coisas. **JL**

► Ana Maria

A MINHA PINTURA PODIA SER UMA COTOVIA

Galeria S. Mamede, Lisboa. De segunda a sexta, das 10 às 20 horas; sábados, das 11 às 19 horas. Até 13 de novembro

OLHARES

Rocha de Sousa

Ana Maria Poema a uma Cotovia

Mais alto ainda, sempre mais alto.
De nossa terra tu te arremessas,
Qual vapor inflamado,
Tua asa vence o abismo azul.
E sobes cantando
e subindo cantas sempre

Poema a uma cotovia, de Shelley

◀ Pintora neo-figurativa, Ana Maria nasceu em Lisboa, 1959, licenciou-se em Filosofia e tem exposto individualmente desde 1983, o que volta a cumprir, desta vez na Galeria S. Mamede, Lisboa, até 13 de novembro. Conta com vários prémios, dos quais se salientam Prémio Nacional de Pintura Júlio Resende (1990) e Prémio Amadeo Souza-Cardoso (2005).

A pintura de Ana Maria, preferindo a difusão das coisas e figuras em névoas de claridade, de mistura com elementos de natureza abstrata, parece reinventar o tempo, tornando-se mais amena do que questio-

nante ou dada à perplexidade. Estas obras envolvem com serenidade os olhares, pairando além do passado e do futuro, como referiu o arquiteto Carvalho Mota. A modernidade deste modo de formar junta ou borda várias grafias, diversas áreas amareladas de maior escala, um mundo em parte labiríntico, visto em *plongé*, onde a multiplicidade das encenações, vidas emergentes e utensílios indecifráveis, é algo que parece propor-se para o movimento ou a viagem, entre as guias esvoaçantes de uma estética do fantástico.

A propósito desta sensível autora, Rogério Ribeiro chegou a dizer que ela “tem o sentido maior desta caminhar numa sublime paisagem - quase aérea, quase etérea - como se de um imenso rendilhado se tratasse”. E ainda completou tal ideia com outras palavras: dir-se-ia que

estamos perante uma “espécie de continentes flutuantes que não procuram nenhum porto como morada. É um trabalho de minúcia exaustiva, de contenção cromática, caminhos de fragmentos que se alinham e desalinham, que se aproximam e se afastam, numa lógica que a própria pintura sustenta e alimenta. É um trabalho que não procura diluir fronteiras entre elementos - a terra e a água (o mar) - aqui assumidos como lugares simbólicos: a pintura alastra, quase tentacular, na tela.”

A PINTURA E AS PALAVRAS AVISADAS

Se esperarmos que um sol de outono ilumine algumas destas pinturas, os valores de contraste dispersam a névoa e fazem emergir, na vertical e na horizontal coisas imprevisíveis, por dentro e por fora de um corpo ou corpos que flutuam ou parecem descer em leveza, absorvendo tudo o que se levanta de um chão invisível. O mundo assim pressentido parece recortado de visões filmicas do fantástico, imagens talvez



A pintura de Ana Maria parece reinventar o tempo, tornando-se mais amenas do que questionante ou dada à perplexidade